

BORQUIANDO PELO RIO ANEQUARA: UMA CARTOGRAFIA SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA PESCA NA LINGUAGEM DE RIBEIRINHOS NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA - PARÁ



BORQUING BY THE ANEQUARA RIVER: A CARTOGRAPHY ON THE INFLUENCES OF FISHING IN THE LANGUAGE OF RIBEIRINHOS IN THE MUNICIPALITY OF ABAETETUBA - PARÁ

MANUELLE PEREIRA DA SILVA³⁹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo cartografar como a pesca influencia a linguagem dos ribeirinhos e como essa nova forma de relacionar com o ecossistema pode ser expressa por meio da linguagem dos moradores do Rio Anequara. Como objetivos específicos foram delimitados: mapear os pontos em que as ocorrências linguísticas aparecem; Apresentar como a identidade dos ribeirinhos pode ser afetada pelo meio em que vivem. Para tanto, o referencial teórico está baseado principalmente em Souza, Souza e Veras (2019), que fala sobre os ribeirinhos, Stuart Hall (2006) e Bauman (2005), que discutem sobre identidade, além de Moser e Damke (2012) para falar sobre como a identidade influencia na linguagem. Como metodologia foi desenvolvida uma pesquisa de campo, com um morador da comunidade, que está em contato diário com a prática do borqueio.

Palavras-chave: Pesca de borqueio; Rio Anequara; linguagem ribeirinha.

Abstract

This work aims to map how fishing influences the language of riverside people and how this new way of relating to the ecosystem can be expressed through the language of the residents of the Anequara River. As specific objectives were defined: to map the points where linguistic occurrences appear; To present how the identity of riverine people can be affected by the environment in which they live. To this end, the theoretical framework is based mainly on Souza, Souza and Veras (2019), who talks about the riverside people, Stuart Hall (2006) and Bauman (2005), who discuss identity, in addition to Moser and Damke (2012) for talk about how identity influences language. As a methodology, field research was developed, with a resident of the community, who is in daily contact with the practice of borqueio.

Keywords: Borqueio fishing; Anequara River; riverside language.

Introdução

Este trabalho é uma pesquisa desenvolvida no Rio Anequara, comunidade ribeirinha, localizada no município de Abaetetuba-PA, sendo que a maior parte de seus membros fazem parte do sindicato dos pescadores, coordenados pela colônia de

³⁹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cidades Territórios e Identidade, pela Universidade Federal do Pará - UFPA, campus de Abaetetuba. E-mail: manuellepereira795@gmail.com.



pescadores Z 14, portanto, têm suas principais atividades pautadas na pesca, seja com a captura de peixes ou camarões. Nesse sentido, ao falar da comunidade, é imprescindível apresentar a prática que é predominante: a pesca de bloqueio ou borqueio, como os próprios moradores a denominam.

O borqueio é uma tarefa masculina, mas que afeta todos os moradores da comunidade, pois não são apenas os pescadores que são beneficiados com ela. Dessa forma, no período em que a pesca está liberada, ela se torna a principal atividade econômica do Rio Anequara, e não apenas deste rio, mas das outras comunidades ribeirinhas e até mesmo da cidade.

Nessa perspectiva, considera-se que a pesca exerce forte influência sobre a linguagem que os moradores utilizam em seu cotidiano. Por ser uma atividade que acontece diariamente, são desenvolvidos muitos momentos de interação e, para que isso aconteça, são várias as construções linguísticas feitas pelos ribeirinhos. Nesse sentido, em alguns momentos houve a necessidade de se criar palavras e expressões que representassem aqueles momentos, para designar ações e instrumentos de pesca. Essa linguagem, usada pelos ribeirinhos, é bastante peculiar e faz parte de sua cultura e da identidade local, que se reestrutura e se firma com a necessidade de novas construções.

Para tanto, a questão que norteou este trabalho foi: como a pesca influencia a linguagem dos ribeirinhos? Isto posto, temos que como objetivo: cartografar como a pesca influencia a linguagem dos ribeirinhos e como essa nova forma de relacionar com o ecossistema pode ser expressa por meio da linguagem dos moradores do Rio Anequara. Como objetivos específicos foram delimitados: mapear os pontos em que as ocorrências linguísticas aparecem; apresentar como a identidade dos ribeirinhos pode ser afetada pelo meio em que vivem.

Como metodologia, foi desenvolvida uma pesquisa de campo com ribeirinhos moradores das ilhas de Abaetetuba-PA. Trata-se de um estudo de cunho descritivo e abordagem qualitativa, sendo realizado um questionário com quatro perguntas, que visam identificar como são desenvolvidas determinadas práticas, como a pesca por exemplo. Os colaboradores, são moradores da comunidade que sempre viveram no local. A partir das respostas obtidas, foi construído um quadro com as principais palavras e expressões usadas pelos moradores, em seguida, desenvolveu-se uma discussão que procura explicar como a relação deste com o meio interfere na sua linguagem e na forma como se comunicam com seus grupos.



Para mais, o trabalho foi dividido em tópicos, que discorreram primeiramente sobre o que são as comunidades ribeirinhas, tendo em vista que o trabalho se concentra em estudar estes sujeitos. Posteriormente, foi criado um tópico para discutir como a linguagem influencia na identidade dos ribeirinhos, abordando também a questão da variação linguística. Depois, serão tecidas considerações a respeito da metodologia usada na pesquisa, além dos resultados obtidos e as considerações finais.

O ribeirinho e sua relação com o rio Anequara

Este tópico tem a finalidade de apresentar quem são os ribeirinhos que moram no Rio Anequara, além de discutir sua relação entre si e com meio, apresentando suas principais ocupações, para que seja possível compreender como tudo isso vai influenciar a linguagem usada pelos moradores, tendo em vista que essa forma de falar é uma particularidade da população ribeirinha.

Figura 1- Localização do rio Anequara



Fonte: Google Maps, 2022.

O Rio Anequara faz parte de uma das 72 ilhas do município de Abaetetuba-PA, trata-se de uma comunidade ribeirinha, que tem suas principais atividades relacionadas com o curso dos rios. Como fica perceptível na figura acima, uma das fortes características das regiões amazônicas é que são cercadas por água. Nessa perspectiva,





nota-se que o rio se apresenta primordial para o desenvolvimento econômico e social da comunidade, uma vez que é peça fundamental de todo o processo.

A comunidade é formada por homens e mulheres que usam a própria natureza como fonte de subsistência, sendo formada basicamente por pescadores, que usam de seu trabalho com pesca como forma de remuneração, mas também como manutenção de sua cultura e identidade. Dessa forma, é fundamental entender quem são os ribeirinhos que moram no Rio Anequara, para tanto, Souza, Souza e Veras (2019), apresentam uma conceituação bastante pertinente sobre o ser ribeirinho na Amazônia.

O termo “ribeirinhos” é utilizado para se referir àqueles que habitam as margens dos rios, no caso deste trabalho, os rios amazônicos. Eles não se definem como indígenas, nem como urbanos, são camponeses que escolheram o rio como meio de subsistência. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo, às terras mais férteis de suas margens (...) (SOUZA, SOUZA e VERAS, 2019, p. 39).

Nesse sentido, percebe-se que os ribeirinhos que moram no Rio Anequara apresentam uma íntima relação com a natureza e principalmente com os rios, pois, usam como meio de subsistência, para realizar tarefas domésticas, preparo de alimentos, higiene pessoal, além de ser um forte aliado na aquisição de recursos financeiros. No entanto, é fundamental mencionar que, com o passar do tempo, o que era desenvolvido de maneira sustentável pelos ribeirinhos, passa a ser, muitas vezes, realizado de forma desenfreada, pois, muitos estão extraindo além do necessário, em detrimento do manejo sustentável.

Antigamente era comum ver os próprios moradores realizando suas tarefas em equilíbrio com o ecossistema, as coisas eram retiradas apenas para consumo próprio e o que era retirado, em muitos casos era devolvido. Agora, a visão de mundo que rege a vida de alguns ribeirinhos vem modificando-se, uma vez que, passaram a ter um olhar mais lucrativo, muito por conta de influências de empresas que vêm se instalando no município e implantando a ideia da lucratividade, do ter, do ser e do poder, o que é comprada por muitos ribeirinhos.

Nessa perspectiva, considera-se que o Anequara é uma comunidade tradicional situada às margens dos rios, localizada no Município de Abaetetuba-PA. Trata-se de uma localidade em que seus membros vivem um pouco mais distante da cidade, mas é uma localidade que está iniciando seu contato com os recursos tecnológicos. Com a chegada da energia na ilha, também possibilitou a implementação de redes de *internet*, por parte da população, principalmente os mais jovens.



Em relação à educação, existe apenas uma escola municipal, os professores e demais funcionários que atuam nesta esfera são todos da própria localidade, nasceram, foram criados e estudaram para atuar em sua própria comunidade. A escola também serve como local de funcionamento de um anexo de uma escola estadual, que atende do 5º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. No entanto, os alunos que são responsabilidade da rede estadual de ensino, sofrem com muita precariedade no ensino, com falta de assistência e, principalmente, falta de professores.

No que tange à saúde, atualmente a localidade tem disponível uma Unidade Básica de Saúde, que funciona parcialmente. Tendo alguns atendimentos mais básicos por profissionais da área da saúde como enfermeiros e técnico de enfermagem, além de contar com um médico que consulta duas vezes na semana, assim, são supridas algumas necessidades dos moradores da localidade e de comunidades vizinhas.

Com relação à pesca praticada na comunidade, tem dois objetivos, que é a captura de camarão e de peixe. A primeira, que é feita com o auxílio do matapi, uma armadilha que é construída pelos próprios moradores; a matéria prima é obtida na própria localidade e são geralmente retiradas de palmeiras, sendo a principal conhecida na região como “miritizeiro”, de onde são retiradas as talas, que posteriormente será tecido em formato de armadilha para prender e capturar os camarões.

O processo de captura de camarão é predominantemente feminino, sendo realizado em algumas etapas: a primeira é feita geralmente no período da tarde, primeiramente é preciso construir a isca, que é chamada de puqueca e feita com uma mistura de dois ingredientes, que são o babaçu e farelo. Em seguida, é preciso iscar o matapi, ou seja, colocar a isca dentro dos matapis, para que o camarão, atraído pelo cheiro do alimento, seja capturado.

No finalzinho da tarde, os pescadores vão “sentar o matapi”, os matapis são organizados dentro das embarcações, um sobre o outro, cada matapizeiro tem o seu varal que fica na baía, assim, é depositado um matapi em cada vara. Os matapis são deixados na água e serão retirados no outro dia pela manhã bem cedo para “despescar o matapi”, quer dizer, retirar o camarão que ficou preso durante a noite.

Imagem 1 - Moradora despescando o Matapi na baía



Fonte: Autor, 2022

Algumas pessoas, despezcam seus matapis na baía e logo iscam para deixar para o dia seguinte, essa prática ocorre com matapi ficando no fundo, quando há a escassez de camarão na superfície da água. O destino do camarão depende muito, algumas vezes são vendidos na própria comunidade, são descascados para serem vendidos na comunidade ou são deixados somente para a alimentação familiar.

Imagem 2 - Moradora iscando o matapi na baía



Fonte: Autor, 2022.

No que diz respeito à captura de peixes, existem muitos tipos de pesca, entretanto a mais recorrente é a pesca de bloqueio (ou borqueio, como é denominado pelos próprios moradores). É a pesca que envolve o maior número de pescadores, e





mesmo as pessoas que não vão pescar também são beneficiadas quando pegam os peixes, pois a maioria das vezes é distribuído para a população.

De forma direta ou indiretamente, isso movimenta toda a população do rio, por isso ganhou grande proporção, tornando-se tão importante para o trabalho que aqui se apresenta, que visa analisar como esta atividade cotidiana pode influenciar na linguagem, identidade e cultura da comunidade, por tanto, será especificada mais adiante em um tópico futuro. Diante disso, faz-se necessário compreender primeiramente como essas identidades dos ribeirinhos são construídas e como a linguagem pode influenciar nessa construção identitária, que é o que veremos a seguir.

As identidades dos ribeirinhos construídas por meio da linguagem

É notório que os ribeirinhos, enquanto indivíduos pertencentes a uma comunidade, apresentam identidades entrelaçadas, tanto individual quanto coletivas, que são construídas por meio de suas relações com o meio e com os seres que estão ao seu redor. Além disso, é importante mencionar que a linguagem tem caráter fundamental nesse processo, pois auxilia no processo de construção cultural e identitária.

Nessa perspectiva, Bauman (2005), fala que é possível notar que a identidade também faz parte de uma manifestação e/ou representação de um povo, que serve como a voz de determinada comunidade, o que é geralmente empregado nas lutas sociais. A identidade serve como uma arma que os povos menos privilegiados possuem contra a parcela minoritária que detêm o maior poder aquisitivo. Ademais, o autor considera que as identidades são construídas e reconstruídas continuamente, encontrando-se incompletas.

Isso acontece porque os indivíduos têm uma obrigação ou uma necessidade constante de modificação e de definir suas identidades. Stuart Hall (2006), corrobora com as afirmativas feitas pelo autor, ao considerar que não existe um formato único de identidade, que se coloque como pronta e acabada, para o autor, a todo tempo estão ocorrendo mudanças que fazem com as concepções dos indivíduos também sejam modificadas. Essa mudança faz parte da identidade das pessoas, sendo algo que pode ser modificado, tal como afirma Stuart Hall em seu livro "Identidade Cultural na pós-modernidade".

(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim



chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Com isso, pode-se considerar que, como um típico sujeito pós-moderno, o ribeirinho não pode ser identificado com uma identidade única, pronta, mas sim com um ser humano que se encontra em processo de construção. Isso implica dizer que apesar de existirem características que fazem com que os ribeirinhos se assemelhem uns aos outros, também existem aspectos individuais que os diferenciam enquanto indivíduos. Por isso, é fundamental conhecer cada comunidade, pois cada uma apresenta suas especificidades, além de seus membros também.

Como apontado anteriormente, a linguagem é imprescindível nesse processo de construção da identidade, uma vez que "(...) a identidade é construída na linguagem, na interação do sujeito com seus interlocutores por meio do discurso, do simbólico [...]" (MOSER; DAMKE, 2012, p. 432). Assim, é possível dizer que, a linguagem utilizada pelos ribeirinhos, em muitos momentos é vista como menos privilegiada, no entanto, ela faz parte da cultura do deste povo e ajuda na construção de suas identidades, sejam uma identidade individual ou coletiva.

Desse modo, a identidade do sujeito se constrói a partir de sua interação na sociedade e mediada pelas práticas linguísticas, sociais e culturais. Por ser construída socialmente, é vista como transitória, passível de transformação e mudança e moldada pelas relações de poder e pela percepção dos sujeitos frente ao contexto sociocultural no qual estão inseridos. Sob este aspecto, podemos considerar que é na e pela linguagem que as identidades são construídas e reveladas [...] (MOSER; DAMKE, 2012, p. 429).

Nota-se que a formação identitária é fortemente influenciada pelas relações que o sujeito constrói ao longo de sua existência, além disso, o indivíduo pode apresentar várias identidades e usá-las de acordo com as ocasiões em que ele está envolvido, podendo optar por mais de uma, a depender do contexto. Nessa perspectiva, a linguagem apresenta-se com um papel fundamental, pois ajuda tanto no processo de escolhas individuais, como na própria construção das identidades que serão usadas. A linguagem também está atrelada à construção de identidades coletivas, tendo em vista que, para fazer parte de uma comunidade, em primeiro lugar deve haver comunicação entre os membros, que precisam se entender, e isso só é possível por meio da linguagem.

Ao afirmar que a identidade é construída socialmente e apresenta-se de forma instável por meio da linguagem, reiteramos que a linguagem não se presta a pura descrição da identidade, mas a sua construção. Nesse aspecto o conceito

de performatividade, pode auxiliar para não fixar as identidades, mas compreendê-las em sua dinamicidade (MOSER; DAMKE, 2012, p. 433).

Desta maneira, reforça-se a ideia de que a linguagem é fundamental na construção identitária e cultural sendo criada a partir das relações sociais, tanto com o meio como com as outras pessoas que convivem na comunidade, compartilhando experiências, construindo sentenças, assim compreende-se a linguagem não apenas como meio de propagação de conhecimentos, mas como construtora de identidade.

Conhecendo o borqueio praticado no rio Anequara para entender a linguagem dos moradores

O Rio Anequara é uma comunidade que tem suas principais atividades voltadas para a pesca, sendo o borqueio uma prática que ocorre semanalmente, exceto nos feriados e no período em que os peixes estão em reprodução. Dessa forma, a relação dos moradores com o meio ambiente, torna-se cada vez mais íntima, pois, dependem dos rios e da floresta para a maioria de suas tarefas.

Além disso, os ribeirinhos também apresentam uma linguagem bastante particular, na qual há muitas nomenclaturas que foram criadas ou adaptadas por eles, para designar coisas que fazem parte do seu cotidiano. Em muitos casos é influenciada pelas construções linguísticas desenvolvidas no contexto da pesca de bloqueio, pois é a prática mais recorrente na comunidade e envolve o maior número de pessoas. Nessa perspectiva, ressalta-se que será usada a linguagem que os próprios pescadores utilizam para referir-se à pesca, que é denominada por eles como borqueio.

Para tanto, este tópico visa apresentar como ocorre o borqueio, por meio das narrativas de um pescador que também é o líder de uma equipe de bloqueadores, portanto tem muitas experiências a serem repassadas. Nessa perspectiva será evidenciado a linguagem que ele utiliza para transmitir seus conhecimentos a respeito da pesca, descrevendo como ela é desenvolvida, além de reter muitos aspectos que estão ocultos e somente quem está naquele meio conhece, tais como procedimentos e perigos que esta prática desperta.

O informante se chama Gerson Rodrigues Ferreira, mas é conhecido na comunidade como Chico Preto, tem 49 anos de idade e sempre morou no Rio Anequara, local da pesquisa, atuando no borqueio desde sua infância. Foi escolhido por ser considerado o “dono da turma” além de exercer uma função primordial, que é o talero. No primeiro momento, acompanhava o pai e apenas observava como o trabalho era feito, anos depois, quando o pai ficou mais idoso e precisou deixar sua função, esta foi





atribuída ao filho, que atualmente coordena seu grupo de pescadores, como o “dono de turma”, desempenhando uma função que é imprescindível para que a pesca aconteça: a função de taleiro, que é a pessoa que coordena a equipe, utilizando sua tala⁴⁰ ou sonda para procurar os cardumes.

Imagem 3 - O pescador faz demonstração com a tala e a sonda



Fonte: Autor, 2022.

Na imagem 3 podemos ver o informante e os instrumentos de pesca, usados para procurar os peixes, que são a tala e a sonda. Ressalta-se a importância que o taleiro tem para que o borqueio aconteça, pois é ele, com toda sua técnica, que vai procurar os peixes e determinar o momento e lugar ideal para que sejam jogadas as redes. No entanto, antes de saber como ocorre a pesca de fato, é necessário entender quais são os instrumentos usados para que o borqueio aconteça.

(...) em primeiro lugar, nós temos que conseguir o aparelho da pesca, ou seja, o pretexo da pesca, que são essenciais, como redes, e depois do pretexo da pesca é preciso ter companheiros, homens, bastante homens, pai de famílias, por que é necessário ter bastante homens pra pescar no mar, posso dizer que um total de 21 homi, pra cada pretexo/aparelho de pesca... envolve o taleiro, no caso, que é quem procura o pescado, procura o pexi no mar, precisamos de casco, precisamos de assistente pra guiá o casco, precisamos de tala, precisamos de sonda, que é uma coisa que, pra muitas pessoas não tem nem importância, a sonda, alguém usa a sonda como um aparelho, né, que mede funduras e distâncias, nós usamos aqui, é uma sonda evoluída, no caso, nós usamos a sonda manual, chamada 1.0, marca usso, que se custura ropa branca, 100% algodão, e uma sonda de 350 grama, que é uma chumbada no

⁴⁰ A tala é um objeto bem estreito e comprido, feito de madeira, usado pelos pescadores para procurar o cardume de peixe no fundo do mar.





caso, que se procura o cardume de pexi, na fundura de 19 metro até 22 metro (...) (FERREIRA, março de 2022).

Nessa perspectiva, ressalta-se que o borqueio é o principal meio de sobrevivência da comunidade, pois, os borquiadores não pegam os peixes apenas para vender, mas também para consumo próprio, além disso, existe uma cultura de distribuição de peixes para as famílias, que mesmo quem não está participando diretamente nos cascos, mas se chegarem quando ocorre a distribuição do pescado, também conseguem levar seu alimento para a casa.

(...) quando as pessoas que tão fazendo puqueca, despescando matapi na bera do tocantins, aqui na costa marapatá, quando tão despescando o matapi que falo assim "olha tá borquiado a turma", as pessoas larga o seu matapi ou larga a sua rede na bera da costa da baía e encosta na ilharga do borqueio, então quando chega a hora da refeição, no caso, pegamos só o da comida, 5 basqueta de mapará, 5 vez 4, 20, dá 200 kilo de mapará, esse 200 kg é dividido em várias famílias, aí uma família tem 10 numa casa, tem 8, tem família que tem até mais, tem família que tem até 15 pessoas numa casa, então um traz e vai dando pro ôtro então chega na hora come 300 pessoas os 200 kilo de mapará, é isso que eu acho mais importante, a minha atração pelo borqueio é mais por que as pessoas come, se alimentam de graça (...) (FERREIRA, março de 2022).

Com as narrativas do pescador, fica evidente que quando ocorre a pesca do borqueio no Rio Anequara, não são somente os trabalhadores da turma que participam, é necessário que estejam muitas pessoas envolvidas no processo, pois, requer muito esforço físico, tendo em vista que as redes utilizadas na pesca são muito pesadas, ou seja, a pesca só acontece quando há a ordem dada pelo taleiro, tal como narra a seguir:

É muito bunito quando a gente vai pá baía né, e a gente vai coordenando esse grupo e vai ali, taliando e procurando mapará, e os homis vão lá nos casco, sentado remando, uns 100 metros longe, e lá uma hora Deus abençoa de encontrar o cardume, pá mandá borquiá, tem que suspender o remo e sacudi, no caso, por isso que o talero usa um reminho, tem que sê branco, pra enxergar a longa distância, então esse reminho é sacudido, ou seja, é feita uma menção com esse remo, a menção é pra esses dois casco que vem junto, se desaparterem e um vai pá isquerda e o otro pá direita, então faz um círculo no cardume, fecha e os dois casco encosta, então vai sê o trabalho, aquela função disisperadora, para o taleiro que está coordenando a turma de borqueio (FERREIRA, março de 2022).

Nessa fala, fica evidente o entusiasmo do pescador ao exercer sua função, que exige, ao mesmo tempo, dedicação, amor, paciência e cuidado. Além disso, nota que há todo um ritual com o remo, que é levantado, sinalizando que as redes devem ser jogadas, somente depois disso que os outros membros jogam as redes.

Imagem 4 - Trabalhadores dos cascos jogando as redes



Fonte: Autor, 2022.

Dentre as pessoas envolvidas, existem os “donos da turma”, os taleiros, as pessoas que conduzem os cascos com as redes, as pessoas que vão nos cascos e são responsáveis por puxar as redes com o peixe, os donos de barcos que rebocam os cascos, além de pessoas que chegam no momento em que já está acontecendo o borqueio. Todos que participam são importantes e cada um tem sua função específica e em alguns casos, como dos mergulhadores, não tem outras pessoas que possam lhes substituir.

(...) Quando abre o borqueio essas rede se abre e começa cá na água, pá e pá, pá e faz o círculo no mapará e faz o barulho daqui, a chamada carolina, caruca ou moponga, bate a caruca em peso ali ... o talero, no caso eu, entrar pra dentro do borqueio das rede, aí encontra lá dentro “tá aqui, tá aqui, fecha o casco, fecha o caso” e o pessoal fecha o casco “umbora lá pessoal”, faz o círculo, encosta casco com casco e joga ferro e começa mergulha, aí vai butando a tala lá dentro e vai procurando e o pessoal mergulhando “cadê parceiro?” “olha ainda não bateu na tala, mas tá aí”, tem os mergulhadô que tem experiência, logo diz “bateu em mim aqui, olha rapaz, não suspendo a rede, mapará tá aí, água tá clara” “tá aqui, tá aqui o mapará, graúdo, e bate água na cabeça, até os que não trabalha na torma pula pá água na cabeça, é impressionante, então vai se finalizando, os homi vão trabalhando no fundo, os mergulhador, e começo amarra os cabo, de cabo a cabo e tudo certo por que num pode dá esse cabo na rede diagonal, tem que ser horizontal, é uma ciência, que até nós que tá na pesca, às vezes eu fico pensando... então vão amarrando cabo a cabo e o que vem na cabeça, que é o chefe no caso, o que dá o cabo de cabeça, por que só é uma pessoa que faz a cabeça das rede no fundo que pá ela não ficá aberta, se não o mapará foge tudinho (FERREIRA, março de 2022).

Quando acontece o borqueio, todo mundo trabalha. Os componentes dos cascos da turma jogam as redes, uns remam, outros pilotam, tem os mergulhadores, os que vão nos cascos pequenos, que não são os trabalhadores da turma, mas que colaboram



ficando em círculo, segurando a beira da rede para que ela não afunde. Todas essas tarefas são de suma importância para que a pesca seja bem desenvolvida.

Imagem 5 - O círculo por pescadores feito com as redes de borqueio



Fonte: Autor, 2022.

Imagem 6 - O taleiro procurando o cardume dentro das redes



Fonte: Autor, 2022.

Como ficou evidente nas narrativas do informante, depois da etapa de realização do círculo feito para jogar as redes nas águas, ocorre a aproximação dos cascos, para que seja possível amarrar as redes e capturar os peixes que ficaram seguros nas malhas da rede. Além dos trabalhadores da turma, quando ocorre o borqueio, aparecem outras pessoas para ajudar a puxar as redes, que são extremamente pesadas e para conseguir seu peixe também, essas pessoas são chamadas na comunidade por guachelo, pois apresentam características de um animal como mesmo nome, que fica pelas margens do rio comendo camarão e peixes.





Imagem 7 - A aproximação dos cascos para retirada dos peixes



Fonte: Autor, 2022.

Com isso, compreende-se a importância dessa atividade, não só para o Rio Anequara, mas para as outras comunidades também, pois, isso envolve pessoas de várias localidades, em busca tanto de alimento como algo que lhe traga retorno financeiro. No entanto, devido à escassez do pescado na região, não é sempre que eles conseguem pegar os peixes, tem vezes eles retornam sem nada. Mas, quando o peixe é capturado, observa-se que o rio passa a ter uma movimentação diferente do habitual, pois a todo momento chegam pessoas com peixes em suas embarcações, sejam os trabalhadores oficiais das turmas ou sejam as outras pessoas que vão no momento do borqueio.

Imagem 8 - A movimentação do Rio Anequara em dia de captura de peixe



Fonte: Autor, 2022.

Apesar do borqueio ser um ofício que é imprescindível para a população, vale externar o grande risco que os borquiadores passam a cada exercício, principalmente quem desempenha a função de mergulhador, pois existe a possibilidade de não retornarem vivos do fundo do mar. Isso fica evidente na fala do colaborador, ao narrar os aspectos relacionados à pesca. vejamos a seguir o diz o informante a esse respeito:





E vamos chegando na parte dos perigo que essa pesca pode causar, eu quero dizer pra você, que vai ouvir a minha voz, quero dizer que essa pesca ela corre um risco de 80 ou 90% de morte, ela corre o risco do pescador que tá pescando conosco, ele desce ao fundo do mar e não buiá, com vida, por que esse trabalho nosso, se chama borqueio aberto, na nossa região aqui de Abaetetuba, Rio Anequara, em Cameté, foi criado, devida tanta mortandade que teve dos mergulhadores de rede aberta, eles transformaro a mesma turma, eles transformaro pá rede de puçá, que é a mesma rede aberta, mas não precisa do trabalhador descer no fundo do mar... por que é o perigo ? Por que quando tá no fundo, essas rede pesa toneladas e esses homi desse pro fundo do mar sem nenhum aparelho, no caso na nossa linguagi, eles desce só de cueca, sem short pra não impedir de ir embora pu fundo e agora sem nenhum aparelho (...) esses mergulhadores, eles consegue mergulhá, na nossa linguagi aqui, em 12 braça de profundezza sem aparelho nenhum, só com o ar do seu próprio pulmão, eles chego ficá no fundo com o ar do seu próprio pulmão, trabalhando no fundo, eles chego a ficar 1 minuto e 54 segundos, no fundo, se acontece alguma iscuisa, a gente fica inrascado lá (FERREIRA, março de 2022).

Mesmo sendo tão importante para os pescadores, eles têm total consciência dos perigos que correm, sabem que podem morrer no fundo, caso fiquem presos ou não encontrem as redes. Nessa perspectiva ressalta-se a visão defendida pelo pescador, que vai de encontro ao que os órgãos ambientais dizem, pois defende um outro tipo de pesca, que segundo ele é menos arriscada e apresenta a mesma numeração de rede, portanto pegaria o mesmo tamanho de peixes.

Além dos perigos que a pesca pode causar, também são narradas algumas situações que evidenciam como era a pesca antigamente, na qual era possível capturar uma grande quantidade de pescados, uma vez que ainda não existiam tantos resíduos e poluição de maneira geral, vejamos o que descreve o informante.

(...) na época era borquiado em 5, 6 metros, no máximo 8 metros, o pexi, o cardume aparava pra dentro dos rio, como aqui o nosso, Rio Anequara, ali boca do Augustinho, aqui boca do capuera, ali puço da Valéria, aqui o puço do Noberto, lá mais em cima, nas iscabecera do Anequara, puço do luciano, buca do Anequara, se borquiava aqui ... aqui no teu bisavô, chamava rego do Gonzinho, borquiava-se lá, 4 metro de profundezza, mapará buiado, na época ele ficava em pé, nessa maré que vai dá depois da manhã, dia de lua, aí ele ficava no meio das vara, ficava em pé ispiando lá, dava marisia na ilha, vu... vu... vu... aí eles sentia o choque, eles pulava, esturava cardumes intero, cardume de 6 tonelada, 5 tonela (...) o mapará não era como hoje, como depois de 90 pra cá, criaram-se um paneiro com o nome de balaio, em outra linguagi aturá, nessa época, o mapará era tão grande de tamanho, que era confirido em milhero, era vários homis confirindo, tinha que mete as prua das imbarcação pá ir cunfirindo, e o homi tinha que sê bom de matemática por que era vendido por milhero o mapará, por milhero, de 1 até 1000, quantos milhero pegava aquela imbarcação? 7 milhero, 8 milhero, 12, 13, me lembro, na época né, tinha São Francisco, um bote do Chico Preto, esse bote ele pegava 14 milhero de mapará, tinha socorrinha, do Valdumiro, ela pegava 17 milhero de mapará, poxa, tinha mapará, era mapará de kilo, de 700 grama, meio kilo era o menó mapará (...) o pessoal chegava, arriava dentro dos aguidá em cima do giral ou no assualho da casa pás mulhé fazê (...) (FERREIRA, março de 2022).



Nesta fala do pescador fica claro que no passado existia uma quantidade maior de peixes, que não era preciso muito esforço para procurar ou apreender os peixes, além disso, por haver uma grande quantidade, só eram retirados os maiores e por isso eram comercializados na feira por um preço bem acessível. No entanto, a seguir será possível verificar essa diferença, pois ultimamente está cada vez mais difícil de pegar os peixes, por inúmeros fatores que são mencionados pelo colaborador, sendo uma das principais questões a implantação de grandes empresas na região.

(...) Portanto, a chegada dessas empresas aqui na região, posso dizer que, acabou com o pescado, acabou, se vê que surgiu a Belo Monte em Altamira, no rio Chingu, alto Amazonas, você vê que lá a piraiaba subia em cima da terra, vá lá agora e veja a calamidade que tá, o povo tá morrendo de cocera sem pele, vá lá, mas isso não passa na televisão, mas vai em Altamira, lá em Belo Monte, vá lá nessa usina que criaram lá (...) Hoje a poluição já chegou em todo lugar, com descida da bauxita, há uns 3 ou 4 anos, esse foi o término, acabou com tudo... você vê que água tá só uma tipitinga ...cadê o camarão que aqui a gente pegava aqui nos puço em cima da terra? Nós temo bem aí bem pertinho da vila do conde, onde afundo aquele navio com boi ... o que é que vai ficar pra nós aqui, ante a gente saía pá gapuiá puço em cima da terra, dentro do garapé aqui, cadê os camarão? vai nos puço e vê se tem... aí no matapi se pegava camarão graúdo (...) (FERREIRA, março de 2022).

Nota-se na fala pescador que houve uma redução na quantidade de peixes que eram capturados na região, o que lhe fez deixar de pescar por um período de tempo por não existir mais uma quantidade suficiente para suas necessidades e do grupo coordenado por ele. De acordo com sua fala, isso ocorreu principalmente pela implantação de empresas como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, localizada em Altamira. Vale mencionar que, nos relatos acima, fica evidente que as empresas não precisam necessariamente estar instaladas muito próximo à região para impactar todo o território, no entanto, sabe-se que há um interesse muito forte por parte de empresários querendo se instalar em Abaetetuba, como é o caso do porto da Cargill, que se pretende instalar na Ilha do Capim.

Todas essas questões são colocadas como uma forma de alerta para a implantação de novas empresas na região, pois de acordo com o pescador esse impacto é visível a longo prazo e afeta não somente quem está por perto. Pois como se sabe, a região amazônica é cercada por rios, furos e igarapés, o que facilita a condução de rejeitos e outros materiais tóxicos ou que são prejudiciais aos seres vivos. Nessa perspectiva, é essencial mencionar que, com a escassez de peixes e camarões, os pescadores passaram a usar materiais planejados para pegar peixes e camarões menores, fechando as malhas das redes e buscando outros materiais para construir os matapis, que



irá se transformar em um problema a longo prazo, pois, com o tempo não haverá mais reprodução, como descrito a seguir.

(...) hoje teve que fecha a malha do matapi , pá pega um camarãozinho, pá mata o desejo de cumê camarão, por que o camarão quem é que não que comer o camarão? Até a pessoa que tá com uma cerorgia nova quer comer por que é um crostácio chamativo... Cadê o nosso mapará ? cadê os filhote que era abundância, tinha mina, uma épica dessa em Abaetetuba nunca se chegou um peço de piraíba e filhote como tá hoje, hoje o próprio pescador, se ele não tiver pescando, ele tem de cumpra pra ele matá o desejo, num preço absurdo o quilo do filhote, sendo que nós era pescador e comia de graça, hoje nós é pescador e não come de graça (...) (FERREIRA, março de 2022).

É lamentável ver os relatos de um lugar em que havia peixes em abundância, agora já não ter como encontrar nem o suficiente para o próprio consumo, pois na maioria das vezes os pescadores saem com toda empolgação para a baía e retornam sem perspectiva nenhuma de futuro, sem nem ao menos levar a comida do dia.

Eles vão fugi pra onde a água é boa ... veja se aqui na região do tocantins você pegava pexi avortado, não pega... esses últimos ano ... agora, 2018, 2019, 2020, nós tivemos uma perca de 150 mil reais, por que essa descida da bauxita acabo com pexi, nós não tivemos mais o que pescá, nós fiquemo aqui encurralado de uma forma que, no meu caso, eu tive que pará de pescá um temo porque não tinha o que pescá, a água ficu cô de barro, parece condo se mexe um puço, só uma tipitinga né, que fica só o barro, eu tive que mudá, teve um tempo aqui professora, que eu passei criando galinha caipirão (...) (FERREIRA, março de 2022).

Fica notório que há uma diferença com a redução na quantidade de peixes que são capturados atualmente, sendo que o informante advém da chegada de empresas como as que fizeram com que os peixes migrassem em busca de sobrevivência, procurando águas limpas, o que não é possível na sua região. Vale ressaltar que, esses aspectos relacionados aos conhecimentos de pesca, a influência que o borqueio exerce na vida dos moradores do Rio Anequara, a linguagem utilizada no rio, tudo isso faz parte dos costumes, saberes e práticas, que determinam a identidade coletiva da comunidade, além de algo cultural da região ribeirinha.

A linguagem usada para tratar dos aspectos relacionados ao borqueio

Ao observar os relatos do morador do Rio Anequara, são identificadas algumas palavras comuns na localidade e que têm como principal meio de propagação as interações feitas durante o borqueio, pois é uma atividade que promove encontros regulares, portanto permite que compartilhem uma linguagem comum, bastante peculiar, característica principal das comunidades ribeirinhas. A seguir, consta um quadro com algumas

palavras que foram usadas pelo colaborador ao relatar suas experiências, sendo algumas usadas para denominar exatamente itens relacionados à pesca.



Quadro 1 - Palavras e seus os significados que foram citadas pelo colaborador

PALAVRAS USADAS PELO PESCADOR	SIGNIFICADO
Tipitinga	Água muito turva ou escura.
Carolina	Movimento de bater a água para que o peixe se prenda nas redes.
Caruca	Movimento de bater a água para que o peixe se prenda nas redes.
Moponga	Movimento de bater a água para que o peixe se prenda nas redes.
Encostá	Chegar próximo de algo.
Lharga	Perto.
Aguidá	Recipiente de barro, construído principalmente para retirada do suco do açaí.
Assualho	Chão das casas.
Giral	Objeto usado com a mesma finalidade das pias, mas é feito de madeira.
Inrrascado	Quando a pessoa está com problemas
Iscuisa	Coisas
Patetando	Distraído
Pretecho	Apetrechos
Tala/ talero	Objeto feito para que o pescador toque e identifique onde está o peixe
Sonda	Objeto feito para que o pescador toque e identifique onde está o peixe
Matapi	Objeto cilíndrico feito com material de retirados das palmeiras, usado pelos ribeirinhos para capturar camarão
Casco	Embarcação usada para transportar as redes de borqueio.
Dispescar	Retirar o camarão do matapi
Suspende	Levantar
Menção	Movimentação ou sinalização feita com as mãos.
Desapartarem	Soltarem-se
Umbora	Ir fazer algo
Butando	Colocar
Graúdo	Grande
Puqueca	Isca feita para pegar camarão
Iscabecera	Determinada região do rio.
Buiado	Na superfície
Ispiando	Olhando
Garapé	Igarapé
Gapuíá	Tipo de pesca
Puço	Poço
Mina	Algo em muita quantidade

Fonte: Autor, 2022.



Observando o quadro acima, é possível notar que existem palavras comuns, mas que passaram uma variação no momento da pronúncia, ademais, há palavras que são específicas da pesca e como o Rio Anequara é uma comunidade, a maior parte de seus moradores praticam o borqueio com frequência, essa linguagem muitas vezes ultrapassa o momento da captura de peixes e passa a ser usada no cotidiano, para descrever atividades semelhante à pesca. Muitas dessas palavras já sofreram variação, que depende de inúmeros fatores como a localização em que os falantes estão, o nível de escolaridade, sua profissão, entre outros aspectos.

Essa variação pode ser considerada por Souza, Jesus e Gomes (2013), como variação diastrática ou social, que se refere a fatores referentes à semelhança dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Grupo social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social. Pois, como ficou evidente, os informantes de mesma idade tendem a falar de maneira parecida. Além disso, cada escolha linguística feita pelos indivíduos, também evidencia sua identidade.

A linguagem contém uma série de escolhas sobre a forma de se representar o mundo, está ligada ao contexto cultural no qual se desenvolve, e é dentro desse contexto que a língua encontra sentido, significando o sujeito para o/no mundo social. Sendo assim, a cultura é o conjunto composto complexamente por representações de juízos ideológicos e dos sentimentos que são transmitidos no interior de uma comunidade (SANTOS, 2018, p. 61-62).

Com isso, entendemos que a linguagem usada pelo colaborador representa toda sua comunidade, uma vez que se trata de um aspecto identitário, é também uma forma de manifestação cultural dos povos e comunidades tradicionais, em que eles demonstram a maneira como foram ensinados, seus saberes e costumes. Nessa perspectiva, também é evidenciado que os saberes pelos quais a comunidade se pauta, se constitui como princípio organizador de sua territorialidade específica e modo de vida.

Nessa perspectiva, considera-se o ribeirinho não apenas como aquele ser isolado da sociedade, que fala “errado”, mas como agentes sociais que têm uma cultura própria por meio da qual se relacionam entre si e com o meio ambiente, construindo assim uma identidade coletiva. Desse modo, a pesca do borqueio e a linguagem usada pelos moradores fazem parte de uma característica comum, de uma identidade coletiva, que os identifica com traços que são ao mesmo tempo individuais, mas que se cruzam pelas individualidades do outro.



Considerações finais

Diante do que foi posto, ficou evidente que a prática do borqueio é a atividade com maior número de pessoas desenvolvendo, sendo algo que mobiliza o rio inteiro, pois, existem as pessoas que são os trabalhadores fixos das turmas, mas quando ocorre a captura dos peixes, quase toda comunidade se envolve. Com isso, pode-se dizer que ao longo da história foi se construindo, além da cultura, uma identidade das pessoas que moram no Rio Anequara, em decorrência principalmente, das experiências adquiridas com a transmissão oral, em que a cultura é passada para as diferentes gerações, sendo construídas por meio das interações interpessoais, nos grupos sociais. Ressalta-se que a identidade é construída por inúmeros fatores, que estão muitas vezes ligados à língua e suas múltiplas manifestações. Vale ressaltar que o texto apresenta as falas do pescador exatamente como foi capturado, por isso, é comum perceber nos relatos palavras com a escrita incorreta, segundo a regra formal da gramática, pois é dada a ênfase na forma com que o entrevistado fala.

Data de Submissão: 12/09/2022

Data de Aceite: 13/10/2022

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, Gerson Rodrigues. Entrevista concedida à Manuelle Pereira, pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios e Identidades. Em 01/03/2022.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

MOSER, Fabiana; DAMKE, Ciro. **A construção da identidade na e pela linguagem**. Revista Travessia, V. 6. 2012.

SANTOS, Ivonete da Silva. **A Identidade Linguística Brasileira em contato com o Português Europeu: a variação léxico-cultural**. Catalão, 2018.

SOUZA, Fabiana Ferreira de; JESUS, Luciana Martha Carvalho de; GOMES, Nataniel dos Santos. **A variação linguística e a norma culta**. Web-Revista SOCIODIALETO. Campo Grande, 2013.